

## ***“O mundo virou um grande museu”: espaços do prazer e historiografia***

Margareth Rago\*

Entrevista concedida a  
Diego José Fernandes Freire.

**Espacialidades** – Em *Do cabaré ao Lar* e *Os prazeres da noite*, a senhora analisou temáticas ligadas ao espaço urbano no final do século XIX e décadas iniciais do século XX. Pensando a cidade de São Paulo nesta época, que espaços do prazer, isto é, locais que permitem a seus praticantes desfrutarem de algum deleite, a senhora identificou no meio urbano? Seria o “gerar prazer” uma das marcas distintivas da cidade moderna - burguesa?

**Margareth Rago** – Trabalhei com a história da cidade de São Paulo nas décadas iniciais do século XX, isto é, num momento de intensa modernização, crescimento urbano e expansão econômica, em que a cidade adquiria as feições modernas que conhecemos, tentando percebê-la tanto na dimensão do poder, enquanto cidade disciplinar quanto na dimensão do prazer, dos espaços que se abriam para novas formas de sociabilidade e de experiência individual. Havia, então, poucos e tímidos espaços de lazer, por exemplo, o Teatro Municipal é construído em

---

\* Possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (1970) e estudou Filosofia nessa mesma Universidade (1976-1979); realizou o mestrado em História na Universidade Estadual de Campinas (1980-84) e doutorado em História nesta mesma instituição (1985-1990). Fez a livre-docência em 2000 e desde 2003 é professora titular do Depto. de História da UNICAMP, onde iniciou em 1985. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República e Teoria da História; trabalha principalmente com os seguintes temas: Foucault, feminismo, subjetividade, gênero e anarquismo. Publicou diversos livros, dos quais se destacam: *Do Cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil, 1890-1930* (Paz e Terra, 1985); *Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930* (Paz e Terra, 1991); *Entre a História e a Liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo* (UNESP, 2002) e *Feminismo e Anarquismo no Brasil. Audácia de Sonhar*. Ed. Achiamé, 2007. A entrevista que se segue foi realizada via email por Diego Fernandes, editor da revista Espacialidades.

1911; teatros menores, cinemas, bares, cafés-concertos e restaurantes começam a fazer parte da vida cotidiana da população rica e pobre. Os imigrantes europeus trazem novos hábitos, assim como as prostitutas, que podem ser percebidas como porta de entrada da Modernidade, como diz Walter Benjamin, ou o historiador Alain Corbin, pensando em Paris. São elas que introduzem os rudes fazendeiros e homens do campo às sociabilidades urbanas, aos prazeres de frequentar um restaurante, café-concerto, shows musicais e teatrais, num primeiro momento. Elas trazem a moda parisiense, que as esposas procuram copiar... Os passeios públicos, o footing nas praças, o consumo das mercadorias expostas nas vitrines das lojas que se abrem, o chá no Mappin Store, localizado no centro, as competições de natação ou remo no Rio Tietê, mas também os desfiles de carnaval nas datas específicas passam a fazer parte da vida cotidiana. O mundo se amplia e diversifica com essa modernização.

Não saberia dizer se o “gerar prazer” é uma marca distintiva da cidade moderna, preciso pensar no tema; a meu ver, olhando esse momento na perspectiva foucaultiana, pode-se dizer que também é aquele em que emerge a sociedade disciplinar, em que o processo de urbanização passa a segregar as classes sociais, mulheres e homens, as formas de vida lícita e as ilícitas, mulheres castas e prostitutas, adultos e crianças, brancos e negros. O racismo é forte, não apenas em relação aos negros pobres, mas também entre os próprios imigrantes. Contudo, também não estamos nas grandes cidades europeias ou americanas, e o quadro certamente é mais confuso. Mas aos poucos o carnaval dos negros é expulso do centro da cidade para a periferia, em Pirapora, predominando as formas de vida das elites, que se referenciam por Paris e Londres. Sem dúvida, é um momento em que a prostituição cresce, como informam vários historiadores, assim como a frequência a casas de tolerância e bordéis de luxo ou mais simples. Penso que, de qualquer maneira, a vida se torna mais divertida, se pensarmos que antes da urbanização, as formas de lazer são mais restritas aos núcleos familiares, à missa ou a algumas festas religiosas. Mas os processos são mesclados, a cidade não é o lugar dos prazeres por excelência, como se poderia supor, menos ainda São Paulo, centro industrial.

**E. – Os shoppings Centers são hoje na nossa sociedade globalizada e consumista um dos espaços do prazer mais frequentados. É comum vermos estudiosos tratarem este espaço com a noção de *não-lugar* de Marc Augé (1935). Seriam as “catedrais do consumo” não lugares, ou seja, espaços com os quais as pessoas não guardam uma identificação, uma afetividade?**

**M. R.** – Gostei muito de ler o Marc Augé anos atrás, pois vejo os shopping centers como lugares entediados, abafados, feios, que não agregam em termos de sociabilidade, apenas em número de consumidores e não acolhem. Nasci na passagem da década de 1940 para a de 1950, no coração da cidade de São Paulo, numa época em que a vida se desenrolava nas ruas, em que se brincava, namorava, paquerava, caminhava nas ruas, praças, jardins, sem medo; os grupos sociais, étnicos, sexuais se misturavam muito mais, não havia uma segregação tão grande como a que entra na era dessa modernização pesada da década de 1970, e que vem em meio à Ditadura Militar. Os shoppings praticamente não existiam até então. Até hoje, não vou a cinemas em shoppings, por exemplo, porque acho triste, sem vida, um tédio! Mas as novas gerações nasceram sem essas referências, num mundo que é isso aí, sem opções e pior ainda, sem contato com grupos sociais diferenciados. O shopping é um espaço que agrupa pessoas da mesma cor, da mesma idade, do mesmo sexo, da mesma etnia, do mesmo...e não comporta misturas, diferenças, alteridade, não cria condições de socialização, de interação, nem mesmo quando promove atividades culturais. Em geral, estas são muito pobres e vazias culturalmente falando. Enquanto isso, as praças de alimentação incham e a obesidade aumenta também entre nós.

**E.** – Michel Foucault (1926-1984), filósofo francês com o qual a senhora muito dialoga, apontou certa vez para as heterotopias, ou seja, para espaços outros, reais, de transgressão e burla da ordem. Espaços do prazer como o cabaré, a sauna gay e espaços festivos como o carnaval sinalizam a bricolagem da estrutura normativa? Ou será que estes espaços, de forma silenciosa e pouco visível, acolhem em seu interior as táticas e estratégias do poder, reproduzindo-as e fazendo-as circular?

**M. R.** – Com Foucault aprendi que não estamos imunes ao poder, que somos efeitos dos jogos de poder e canais por onde essas relações passam, atravessam, se reproduzem. Mas também aprendi que onde há poder há resistências, contracondutas, ou linhas de fuga, como diz Deleuze, que permitem questionar, escapar, subverter, transgredir e reinventar libertariamente. O cabaré foi em um momento histórico definido como um lugar onde novas sociabilidades se constituíam, onde se divertia não apenas sexualmente, músicos tocavam e cantavam, as pessoas dançavam, assim como décadas mais tarde, a sauna para os grupos gays

abriu espaço para a constituição de outros territórios desejantes. Deve ter sido divertido. O carnaval também foi um lugar de muita alegria, de festa, de crítica às normas, de reviravolta, de jogar tudo para o alto por um momento, pelo menos. Mas hoje cabaré, sauna gay, carnaval envelheceram e deixaram de ser o que foram em outros tempos. Perderam a função que tiveram nos inícios e meados da modernização, assim como as práticas de lazer ou as práticas sexuais se modificaram. Não estamos mais na mesma temporalidade. O que era cômico e excitante para uma geração é ridículo e “babaca” para outra; os códigos morais e sociais são diferentes. Os jovens não se entusiasma ou se identificam pelas mesmas coisas e personagens, houve muita mudança inclusive no imaginário cultural. O mundo virou um grande museu!

**E. – Em 1995, a revista *Tempo Social* publicou um artigo de sua autoria, no qual a senhora fazia uma reflexão sobre a influência de Foucault na historiografia, em especial nos historiadores brasileiros. Passados 17 anos, ainda estamos sob “o efeito-Foucault” na historiografia brasileira?**

**M. R.** – Mais ou menos. Ainda há muitos belos trabalhos sendo produzidos, não tanto para pensar exclusivamente o poder, questão que foi incorporada assim como falar de classe social ou de gênero e raça/etnia, mas que abrem outras possibilidades interpretativas. É verdade que a noção de governamentalidade, de “arte de governar” de Foucault também abriu outro campo de pesquisas, ainda se fazendo. Mas falo a partir das pesquisas que temos realizado na Unicamp e em outras universidades, por exemplo, a partir da noção de “estéticas da existência” para trabalhar a história dos feminismos ou dos anarquismos, ou as formas de manifestação artística e outras práticas culturais. Esses trabalhos vêm sendo produzidos recentemente e inovam, a meu ver. É claro que a interdisciplinaridade tem sido fundamental nesse sentido. E isso se dá em outros países também.

Por outro lado, também registro uma perda, ao menos na produção historiográfica tanto em relação a Foucault quanto em relação ao marxismo. Encontro teses e dissertações positivistas, que ignoram absolutamente o que foi feito desde a década de 1970, o que é lamentável. Muitos jovens historiadores se atêm estritamente ao documento como se os conceitos fossem desnecessários para pensar e constituir os objetos, como se fossem reflexo direto de uma realidade empírica já acabada, pronta, perdendo completamente a noção de que existem

mediações, de que o discurso não é reflexo mas materialidade ...isso é assustador. Então, não leem o que já foi escrito sobre um determinado tema, e consideram que estão começando da estaca zero, que nada existiu antes. Penso que essa relação “coca-cola” com o conhecimento é assustadora, pobre e de uma imensa violência, já que desrespeita não só os historiadores mais velhos, como também passa por cima dos “direitos da História”, como denuncia Foucault. Pior: passam o rolo compressor sobre tudo sem sequer perceber o próprio gesto destruidor.

**E. – Durante sua carreira acadêmica a senhora tem estudado grupos sociais que se caracterizam por um enfretamento a ordem (operários, anarquistas e feministas). Atualmente, vemos uma série de movimentos em diversos países que questionam o sistema financeiro vigente, os chamados “occupy” (15M, we are 99% e outros). A senhora percebe alguma semelhança (ou diferença), no que se refere à criação de resistências, de linhas de fuga, entre estes movimentos atuais e as agitações operárias, anarquistas e feministas?**

**M. R. –** Esses movimentos – anarquismo, feminismo, agitações operárias – me atraíram muito, em especial num período de Ditadura Militar. Era uma forma de acreditar num mundo do qual me sentia despossada, referindo-me a Deleuze, é claro. Sim, essas lutas hoje são muito diferentes, porque o contexto é totalmente outro. Mas são lutas de resistência igualmente e em certos aspectos podem ser aproximadas. Essas lutas não visam à conquista do aparelho de Estado, o que as aproxima dos anarquistas que são críticos do Estado e do poder, e também se organizam espontaneamente, ou seja, sem uma liderança condutora do rebanho...há uma recusa e crítica do poder pastoral, que exige obediência aos líderes do partido. Aliás, não há partidos, o que é excelente, logo não há um local centralizado de produção e distribuição da verdade e dos modelos de conduta. Também não se centra numa classe social, considerada “portadora do universal” como pensam ou pensavam (?) os marxistas em relação ao proletariado. Não há esse recorte, nem de gênero, nem de etnia...são lutas transversais, imediatas, que não sabemos onde vão dar, mas que podem dar em ótimos lugares, reversões e questionamentos. Também não dá para ser machist nem racista dentro desses movimentos...finalmente, eles são locais mas também atuam transnacionalmente. São uma novidade!

**E. – A revista *Espacialidades* está ligada a um programa de pós graduação cujo eixo central é a relação entre História e espaço. A senhora teria algo a dizer sobre esta categoria, que durante muito tempo na historiografia foi negligenciada, vista como algo já dado e não merecedora de problematização?**

**M. R. –** Não há dúvida de que ganhamos muito quando percebemos que trabalhávamos com representações estáticas e limitadas de tempo e espaço. O campo histórico se amplia enormemente, quando se abre mão da linha da continuidade temporal. Mas essa questão já havia sido colocada pela Escola dos Annales nos anos trinta... O espaço deixou de caber apenas aos geógrafos e arquitetos felizmente. Aliás, outras percepções do espaço como multiplicidade emergiram, sofisticando as análises. Só posso congratular uma revista que se intitula *Espacialidades* pela renovação que propõe aos estudos históricos, permitindo que outras problematizações, conceitos e concepções aflorem de modo a pluralizar a área. Obrigada pelo convite!

Um abraço.